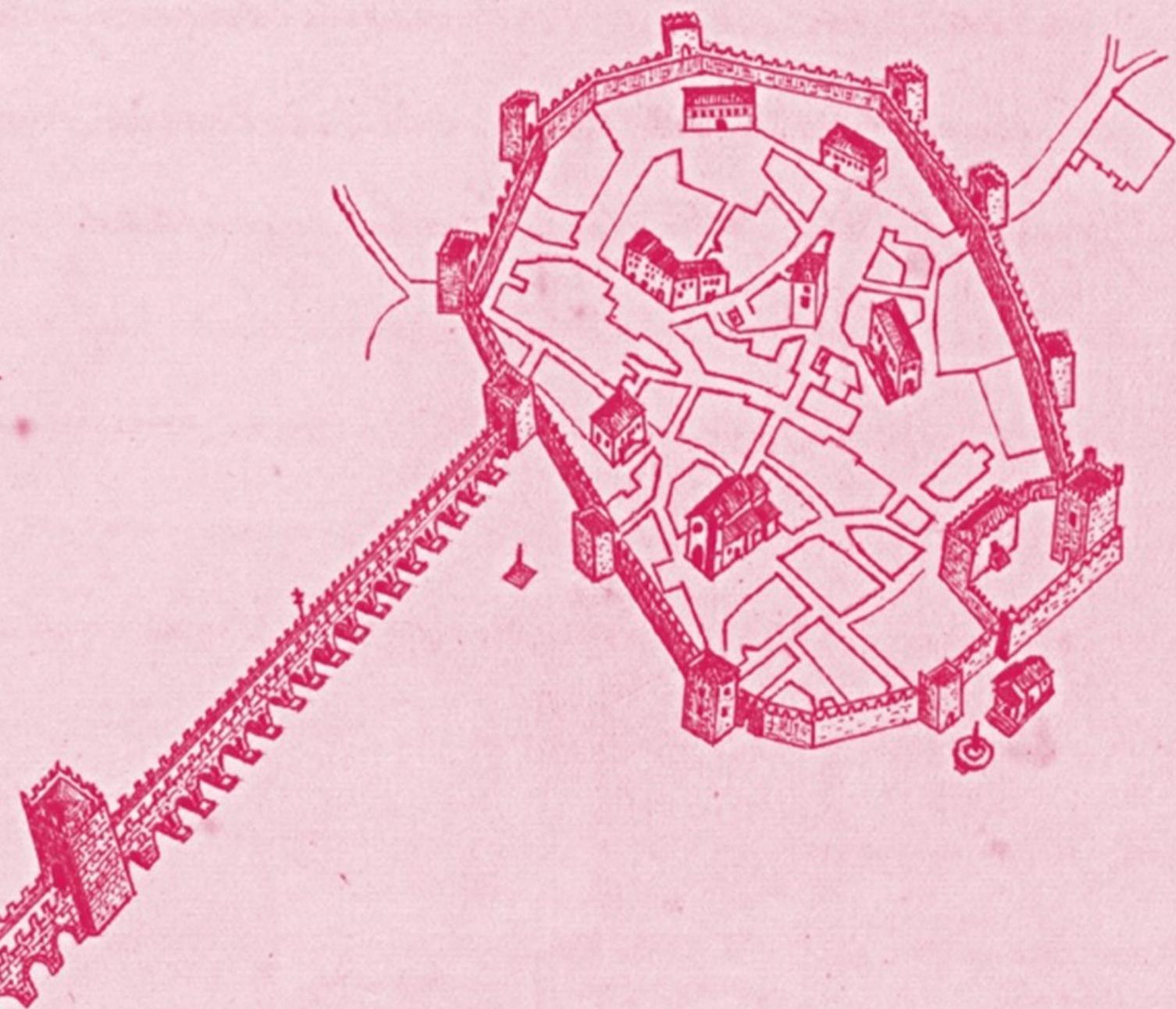


9.

DEZEMBRO · 2023

Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!



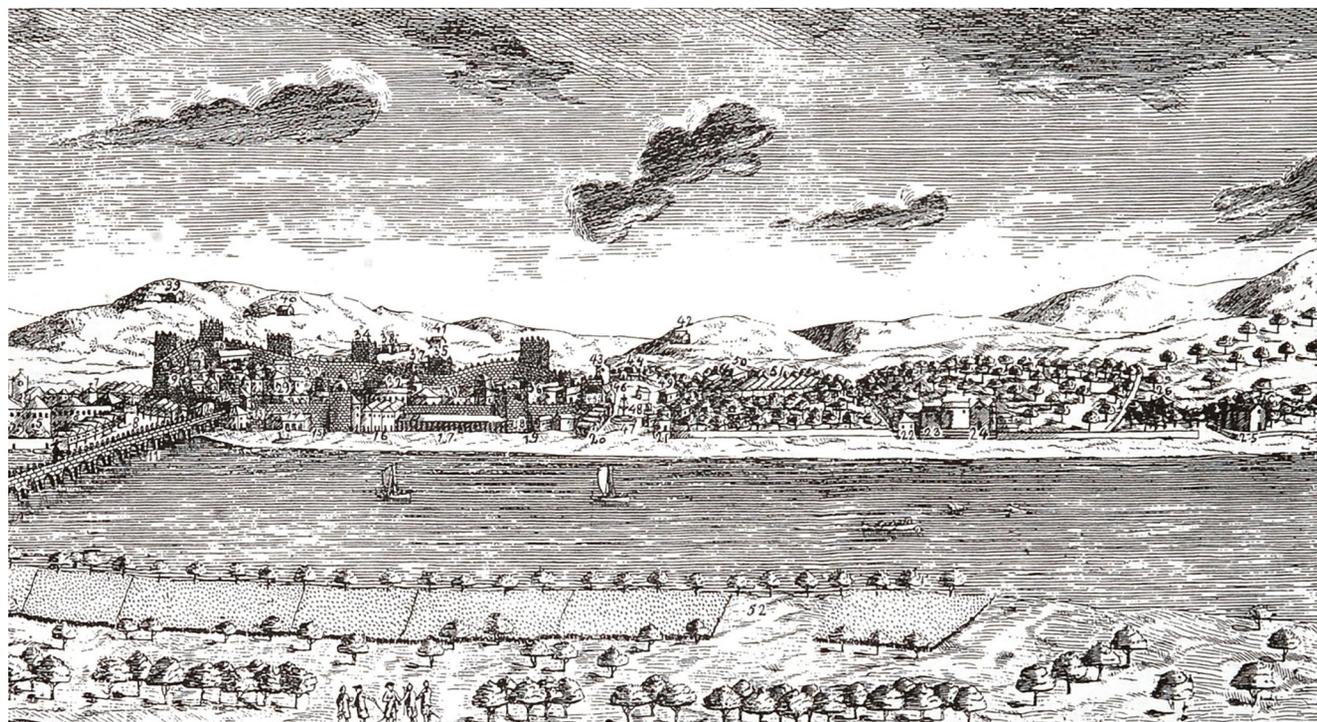


FIGURA 1.

Parte da Vista *Septentrional* de Ponte de Lima, uma das três gravuras desenhadas por Tomás da Silva Campos por volta de 1780 para ilustrar a obra *Os Estrangeiros no Lima*, de Manuel Gomes de Lima Bezerra,^[26] mostrando à direita, fora de muros, o complexo conventual de Santo António dos Capuchos e a cerca que se estendia até próximo da Capela da Senhora da Guia.

O CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DE PONTE DE LIMA: COMPLEXO CLAUSTRAL E CERCA - DESCRIÇÃO DE UM ESPAÇO DESAPARECIDO

THE CONVENT OF SAINT ANTONIO IN PONTE DE LIMA: THE CLOISTER COMPLEX AND THE FARM - DESCRIPTION OF A DISSAPEARED SPACE

Após a extinção das Ordens Religiosas e o encerramento das casas monásticas, o espaço construído ao longo dos séculos pelos frades franciscanos em Ponte de Lima foi desaparecendo paulatinamente, restando hoje apenas a igreja e a sacristia. Com a ajuda da Crónica da Província da Imaculada Conceição, redigida em meados do Século XVIII, e alguma informação de arquivo sobrevivente, este artigo tenta a descrição do desaparecido antigo complexo claustral, cerca incluída.

After the extinction of the Religious Orders and the closing of monastic houses, the space built by the franciscan friars in Ponte de Lima throughout the centuries dissapeared gradually, surviving until today only the church and the sacristy. With the help of the Crónica da Província da Imaculada Conceição, written in the middle of the eighteenth century, and some remaining archive information, this paper attempts the description of the disappeared cloister complex, including the farm.

FRANCISCANO, CONVENTO,
CLAUSTRO, CERCA, CAPELA

FRANCISCAN, CONVENT,
CLOISTER, FARM, CHAPEL

JOSÉ VELHO DANTAS

É habitual distinguir entre as localizações dos grandes mosteiros medievais construídos pelos monges beneditinos ou cistercienses e pelos cónegos regrantes de Santo Agostinho (para nos cingirmos à realidade portuguesa), que preferiram quase sempre territórios ruralizados e pouco povoados, mesmo desérticos para a época da fundação, e as localizações dos conventos erguidos pelas novas ordens mendicantes, com os franciscanos à cabeça, que tenderam a buscar uma aproximação aos aglomerados urbanos, seja através de implantações bem no centro das vilas e cidades ou nos seus arrabaldes.

Não significa isto que as novas congregações religiosas não tenham contado fundações em paisagens mais distantes do bulício citadino, mesmo em lugares ermos. Basta referir os exemplos dos carmelitas de Santa Cruz do Buçaco e, entre a família seráfica, dos capuchos da Serra de Sintra e dos arrábidos, que de certa maneira também retomavam a tradição inicial de fixação das pequenas comunidades nascentes em pequenos abrigos ou cabanas de pedra, em lugares propícios à introspeção e à transcendência espiritual, longe da contaminação do século, em eremitérios, retiros na solidão. Mesmo entre os conventos franciscanos que formaram a Província da Imaculada Conceição, temos casos de fundações em lugares

[1] JOSÉ, Frei Pedro de Jesus Maria, *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal*, 2.^a ed., 2 vols., Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, MDCCCLX (1760), Cap. XXXVIII, Par. 215. Face ao desaparecimento quase completo do arquivo do Convento de Santo António, a Crónica redigida por Frei Pedro de Jesus Maria José constitui, de longe, a fonte mais importante para o conhecimento da história e da antiga fisionomia da casa franciscana de Ponte de Lima. A Crónica foi publicada no Arquivo de Ponte de Lima, nos volumes saídos em 1984 e 1985. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 81. Nas Notas seguintes relativas à Crónica, serão indicadas as páginas dos respetivos volumes do Arquivo de Ponte de Lima.

solitários, como São Francisco do Monte, em Viana do Castelo, e Nossa Senhora do Mosteiró, em Cerdal.

O Convento de Santo António de Ponte de Lima foi edificado fora das muralhas que confinavam o centro urbano medieval, mas num lugar bem próximo deste e dos seus moradores, quase às suas portas, o que facilitava o trabalho evangelizador dos frades, só possível através do contacto com as populações. Esta proximidade e ao mesmo tempo distância do cenóbio em relação ao “Mundo” agradava aos frades. Parecia estar simultaneamente longe e perto. Para traduzir esta realidade paradoxal, o cronista Frei Pedro de Jesus Maria José pede as palavras emprestadas ao seu colega de ofício Frei Fernando da Soledade: “*estando proximo a esta Villa para socorrer aos seus moradores nas suas espirituas necessidades, na disposição, e recolhimento, que tem, parece estar situado em huma soledade remota.*” E depois acrescenta, já da sua própria lavra: “*...sempre o sitio he de qualidade, que experimentão os que a elle chegão a mesma compunção, e devoção, que ordinariamente causão os lugares desertos longe do povoado.*”^[1]

A proximidade face aos habitantes adquiria sempre uma maior visibilidade nos dias em que os ponte-limenses e os visitantes acorriam com maior solicitude ao templo capucho, fosse nas celebrações das festas litúrgicas, durante as feiras quinzenais ou sempre que uma ca-

tástrofe iminente, como as cheias, impelia as almas para junto dos frades no pedido de auxílio divino. Devia causar impressão pelo bucolismo da sua situação, numa paisagem não selvagem mas ainda natural, entre a vila e a ermida da Senhora da Guia, sobretudo para aqueles que entravam em Ponte pelo rio Lima, nas embarcações que então subiam o curso fluvial na azáfama de seus negócios vitais, cuja visão não era então tolhada pelos frondosos plátanos de hoje. “*O sitio dele he extremamente aprazível, e fica em huma espaçosa estancia mais eminente ao rio do que o caes assima referido, mas não tão alta, que deixe de experimentar em muitas partes as inundações do Lima, quando as impetuosas correntes, que o assaltão, o obrigão a alterar-se, sem se poder conter na sua natural mansidão, com que ordinariamente corre pacifico; porém com tal respeito ao sagrado, que nunca chegão à Igreja as suas soberbas alterações.*”^[2]

A entrada para o convento era antecedida por um terreiro e pelo adro. No terreiro existia uma fonte assente sobre um muro. O adro esteve assinalado pela presença de forte arvoredado até 1752, altura em que a Ordem Terceira, com edifício acabado de erigir ali ao lado, no espaço de uma capela abandonada onde os Irmãos se tinham instalado em 1678, solicitou, com sucesso, o seu derrube. Junto à portaria, onde depois se ergueu a galilé, havia um alpendre assente em quatro colunas, com um cru-

[2] JOSÉ, 1760, Capítulo I, Parágrafo 9. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 106.

[3] JOSÉ, 1760, Capítulo XIX, Parágrafo 189. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 206.

zeiro destruído em 1689 após a queda de uma árvore.^[3]

Do lado direito, para quem observava a fachada desde o rio, no lugar onde mais tarde, em 1744, se instalou a torre, ficava uma capela com a denominação de Senhora da Graça, aí localizada desde 1520, associada desde sempre, segundo “*várias memórias dignas de crédito, e verdade*”, à Lenda das Unhas do Diabo, por supostamente ter sido seu proprietário o infiel e demoníaco tabelião que protagonizou aquele “*lamentável e horroroso caso*”.^[4]

Árdua e ingrata é a tarefa de reconstituir as dependências conventuais. Tentaremos, munidos das preciosas informações dadas por Frei Pedro, sobretudo quando procede ao levantamento topográfico do convento e também quando menciona as sucessivas obras que aí se realizaram, forjar a imagem mais aproximada possível do espaço habitado pelos frades franciscanos, entre meados do século XVIII e o momento em que sobreveio o seu encerramento. Contaremos igualmente com o auxílio da pouca documentação de arquivo existente relativa ao convento. Mesmo assim, é um caminho com muitas sombras, até porque quer a Crónica quer os manuscritos não nos fornecem assim tanta informação, nem de forma inequívoca, uma realidade tanto mais tangível uma vez que já não temos o convento perante os nossos olhos para nos podermos aperceber de modo mais rigoroso de certas relações entre os diversos espaços que o compunham.

[4] JOSÉ, 1760, Capítulo XII, Parágrafos 121-130. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, pp. 168-173.



O conhecimento da arquitetura de outros conventos franciscanos portugueses, e designadamente daqueles que pertenceram à Província da Imaculada Conceição, pode ajudar a iluminar determinados aspetos da construção do convento de Ponte de Lima. Mas mesmo assim, a cautela é sempre a atitude a assumir face ao desconhecimento. É que todos os edifícios conventuais, por muitas soluções arquitetónicas que partilhem com outros, são sempre monumentos únicos e irrepetíveis. Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer

FIGURA 2.

Imagem do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Melgaço, edificado em meados do século XVIII nos arrabaldes da vila raiana. Perspetiva do lado poente, captando a fachada do templo e o lanço claustal com a sala do capítulo e um dos dormitórios. De todos os conventos da Província da Imaculada Conceição, a que o de Ponte de Lima também pertenceu, o de Melgaço é o que hoje permite um melhor entendimento da sua antiga disposição espacial.

que, mesmo entre os conventos franciscanos “irmãos” do de Ponte de Lima que se mantiveram de pé, as posteriores modificações e obras de adaptação nas dependências conventuais, para usos completamente distintos daqueles para que foram originalmente concebidos, acabaram por adular de modo significativo o interior dos espaços e dificultar em extremo, e em muitos casos impossibilitar mesmo, a perceção da disposição das várias áreas conventuais.

Entre os vários conventos que certamente encontraram soluções ar-

quietónicas afins, o convento de Nossa Senhora da Conceição, em Melgaço, apesar de algumas alterações que conheceu e do estado ruinoso do piso superior, onde se situavam as zonas da enfermaria e dos dormitórios, constitui porventura o monumento que melhor permite vislumbrar a relação entre os espaços e as respetivas dimensões, bem como identificá-los com nitidez.

No edifício de Ponte de Lima, as instalações conventuais projetavam-se para o lado sul da igreja. Um só claustro, como era comum nestas casas mais modestas, constituía a zona nuclear, através da qual se acedia às áreas habitadas, com exceção da galeria norte, que encostava na igreja. No piso térreo, o lanço oriental do claustro, a que se acedia da igreja descendo as escadas da via-sacra, abria para a sala do capítulo. O lanço sul ligava à zona de refeição, com a cozinha, o deprofundis e o refeitório, ao passo que a galeria poente, virada ao rio, fechava a quadra claustral, conectando talvez, e este é um dos pontos menos assente, à área da hospedaria. No piso superior, a ala oriental, por cima da sala capitular, era ocupada com a zona da enfermaria, abrindo as duas outras alas para os dois dormitórios. A disposição das principais áreas habitadas é muito semelhante à do convento franciscano de Melgaço, construído apenas no século XVIII. A diferença reside nas alas nascente e poente do piso térreo. A ala nascente do cenóbio de Melgaço está ocupada

“

Zona de circulação e de articulação entre os restantes espaços, de entrada máxima da luz natural, o claustro era o elemento fundamental do complexo conventual, o coração em que pulsava toda a vida da comunidade, espaço de profunda significação litúrgica e simbólica.

”

com a ante-sacristia, a sacristia, a sala do lavabo e a adega, ficando a sala do capítulo implantada na ala poente.

Zona de circulação e de articulação entre os restantes espaços, de entrada máxima da luz natural, o claustro era o elemento fundamental do complexo conventual, o coração em que pulsava toda a vida da comunidade, espaço de profunda significação litúrgica e simbólica. Aí os frades deambulavam, mais a sós, em meditação e recolhimento, lendo e rezando, aí circulavam em conjunto cumprindo os rituais litúrgicos, entre cânticos e orações, nas procissões internas (rasouras) ou nos momentos em que acompanhavam os irmãos e outros habitantes de Ponte de Lima até à sua última morada para os lançar à terra.

Como quase todos os claustros franciscanos, o do convento de Ponte de Lima seria certamente caracterizado pelas suas dimensões relativamente modestas e pela sua decoração austera e despojada. Não grandioso, mas harmónico. Teria a forma aproximada a um quadrado, com galerias de três a cinco tramos, sem painéis de azulejos ou qualquer outro tipo de revestimento parietal (pelo menos não existe qualquer indício documental que faça pressupor o contrário). Seria marcado, no piso térreo, pelas arcadas apoiadas em colunas, estas últimas geralmente de ordem toscana, e pelos pilares de ângulo. O piso superior era pautado por galerias com telhado sobre uma estrutura de madeira



FIGURA 3.

Imagens de casa particular situada próximo da entrada para o Museu dos Terceiros, junto à antiga portaria e hospedaria do Convento de Santo António, observando-se algumas colunas toscanas, provavelmente aproveitadas do antigo claustro desaparecido.

escorada nas colunas de pedra, formando como que varandas viradas para o interior, contornando, como as arcadas do piso inferior, o pátio aberto com jardim, concebido como uma imagem do éden, associando os elementos água e plantas.

Este “paraíso” era marcado pela presença de um chafariz (seria mais um poço), ao centro, e de quatro árvores de fruto, uma em cada canto. *“Nos quatro angulos deste claustro se fazem admiráveis quatro laranjeiras assim pela sua grandeza, como pela vistosa igualdade, com que a natureza, e a arte as fez em tudo semelhantes. Entre todas fica no meio hum chafariz, insigne padrão da santa pobreza pela humildade, e rasteira architectura da sua fabrica, e por isso mesmo se faz devoto, e agradável objecto à vista, para o que concorre também muito huma armação, que lhe serve como de docel, tecida de jasmineiros, principalmente no tempo, em que es-*

tão vestidos das suas nevadas, e odoríferas flores.”^[6]

O claustro, *“hum dos mais famosos e bem fabricados que tem a Provincia”*,^[6] foi mandado edificar já no tempo do II Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. João de Lima, entre os finais do século XV e os inícios do seguinte. Todavia, aquele que os olhos de Frei Pedro tiveram a felicidade de observar, assumia uma feição já algo distinta do primitivo. As alterações parecem ser confirmadas pelas extensas obras verificadas no convento entre 1590 e 1593, que incidiram especialmente no claustro e em algumas das áreas circundantes, como o refeitório, a cozinha e o dormitório.^[7]

A galeria claustral oriental do piso térreo constituía desde meados do século XVIII o cemitério exclusivo dos frades capuchos. Dizemos exclusivo por até aí os enterramentos no claustro serem feitos de forma quase aleatória, juntando nas diversas galerias, sem qual-

quer ordem, os corpos dos religiosos e dos seculares, situação que depois se modificou. Sabemos que a ala nascente do claustro correspondia ao cemitério da comunidade religiosa porque Frei Pedro diz expressamente que as últimas sepulturas em que jaziam os frades ficavam próximas das escadas que desciam da via-sacra para o claustro, junto das quais também se situava, encostado à parede da igreja, desde 1714, como que embutido numa reentrância que ainda hoje se observa, o sepulcro de Fr. Pedro Carnoto e Fr. Salvador, hoje na portaria em frente aos confessionários, fabricado para albergar os restos mortais dessas santas personagens inicialmente sepultadas na via-sacra, em 1571 e 1572. As primeiras sepulturas ficavam na outra extremidade da ala nascente, pois também é dito que “em correspondência” (entenda-se do lado oposto) com o monumento funerário referido existia um outro, embutido na parede do De profundis, construído em 1713, onde descansavam os restos mortais de Frei Carlos, que falecera em 1691 e fora inumado ali próximo, na primeira das vinte e duas sepulturas chãs que formavam o cemitério dos religiosos.^[8]

O lanço do claustro que servia de eterno descanso aos religiosos abria para a Capela do Capítulo, certamente um dos espaços mais nobres do cenóbio. Era, no dizer de Frei Pedro, “bastante espaçosa” e com “toda a capacidade necessária para todas as funções, e actos Religiosos, que alli se fazem”.^[9]

[5] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 219. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 83-84.

[6] JOSÉ, 1760, Capítulo VII, Parágrafo 55. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 134.

[7] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIII, Parágrafo 210. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 77-78.

[8] O jazigo, desaparecido, continha o seguinte epitáfio: “Aqui jazem os ossos do V. P. Fr. Carlos de Jesus, filho desta Provincia, natural de Santarem, em ella resplandeceo em virtudes, e santidade. Faleceo em 9 de Junho de 1691, trasladou-se em 1713.” JOSÉ, 1760, Capítulo XXVII, Parágrafo 246. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 99. Os Livros de Sepulturas existentes no Arquivo Distrital de Braga confirmam esta disposição. ADB, Fundo Monástico Conventual, Convento de Santo António de Ponte de Lima, Livro das Sepulturas, 1753-1789, fl. 155 (103-181).

[9] JOSÉ, 1760, Capítulo XIV, Parágrafo 144. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 180.

A sala do Capítulo era o lugar onde se procedia à leitura e explicação dos diversos capítulos que compunham a Regra de São Francisco. Para além da leitura da fonte disciplinadora e orientadora franciscana, também eram lidos os textos próprios do calendário litúrgico. Este importante espaço de reunião era igualmente utilizado para a tomada de decisões relevantes ao bom andamento e funcionamento dos negócios da comunidade. Aí se escolhia periodicamente o guardião do convento e se deliberava sobre todas as questões administrativas.

Foi a capela da sala do Capítulo fundada por Baltazar de Sequeira, filho de Afonso de Sequeira, Aio da Rainha Dona Joana, a *Excelente Senhora*. O poder aqui erguer capela deve-se a ter-se associado em matrimónio com Dona Filipa de Lima, uma neta de D. Leonel de Lima. A sua sepultura encontrava-se no chão da capela, a meio do pavimento em frente ao altar, embelezada com pedra de armas de escudo esquartelado, exibindo cinco vieiras colocadas em aspa (Sequeiras) no primeiro e quarto quartel, e cruz florida (Soares de Albergaria) no segundo e terceiro quartel. Por baixo do escudo surgia um epitáfio com inscrição gótica declarando ali ter sido sepultado Baltazar Sequeira, num ano que o cronista já não foi capaz de ler. Mas não faltavam, em meados do século XVIII, vestígios que atestavam a antiguidade da capela, fazendo-a remontar aos primeiros anos ou às primeiras

décadas da vida conventual, que constituiria seguramente, a ter sobrevivido, um dos espaços mais admiráveis do convento, também do ponto de vista da consistência arquitetónica.

Além da inscrição gótica já mencionada, o cronista chama a atenção para a antiguidade do arco de entrada na capela, que imaginamos em ogiva, diferente de todos os outros. A capela do capítulo era abrilhantada com painel em madeira representando uma cena de Calvário: “*A este (altar) serve de retabolo hum grande quadro com as molduras douradas, cuja pintura consta da Imagem do nosso Redemptor crucificado, ficando-Lhe ao lado direito sua Mãe Santissima, e o Evangelista amado, e da outra parte as trez Marias, lamentando todos ao Divino Crucificado; e supposto he pintura antiga, mostra ser de admirável perfeição.*”^[10]

O próprio facto da representação do Calvário não se restringir às três figuras habituais de Jesus, Maria e João Evangelista, como foi mais comum em épocas posteriores, mas incluir também as Três Marias (Maria Madalena, Maria Salomé e Maria Cleofas) funciona igualmente como um indício da antiguidade do painel. Seria talvez uma encomenda do padroeiro da capela e não deixaria de ser um belo exemplar daquilo que os historiadores da arte chamaram pintura primitiva portuguesa. Para aqueles que puderam estar face a essa pintura, a contemplação das diferentes nuances nos gestos e

[10] JOSÉ, 1760, Capítulo XIV, Parágrafos 144-147. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, pp. 180-181. Sobre a Capela de Baltasar Sequeira, Cf. TOVAR, Miguel Ayres de Campos – As armas e os varões: o Convento de Santo António de Ponte de Lima como panteão e lugar de memória familiar, pp. 15-18.

rostos dolorosos das personagens que acompanharam Jesus nos últimos momentos constituiu sem dúvida um momento de impressionante compunção.

Pela ala sul do claustro, no lado oposto ao da igreja, acedia-se à área conventual associada à refeição. O cronista apenas menciona a cozinha, o deprofundis e o refeitório, de resto os espaços mais importantes, bem como as obras que aí se foram sucedendo ao longo dos séculos. A cozinha era destinada à preparação e confeção dos alimentos. Tratava-se habitualmente de um espaço mais utilitário, em princípio sem qualquer tipo de decoração, em que se destacavam o lajeado e arranque da chaminé, o forno, a pia e o louceiro. No refeitório, outro lugar de excelência da vida em comunidade, pontificavam as mesas corridas e os assentos, os candeeiros para a iluminação e, porque convinha alimentar não só o corpo mas também o espírito, o púlpito ou uma tribuna mais elevada a que subia um dos religiosos para efetuar a leitura de um salmo ou de um fragmento da Regra. Era este o momento em que se quebrava o silêncio que devia ser guardado durante a refeição, presidida pelo Guardião. A Regra admitia que era legítimo e até exortava aos que estavam em viagem a comer tudo o que lhes pusessem em cima da mesa. Seguia assim o passo do Evangelho de Lucas (10, 8). Mas a alimentação no convento tinha que obedecer a uma severa frugalidade, pautada por muitas absti-

nências e jejuns, especialmente entre a Festa de Todos os Santos e a Natividade, que incluía o Advento, e durante todo o período da Quaresma, bem como todas as sextas-feiras ao longo do ano. À entrada do refeitório estava suspenso um pequeno sino,^[111] cujo toque convocava os religiosos. Como uma espécie de ante-câmara do refeitório, surgia o deprofundis, um misto de sala e corredor, munido de lavatório, onde os religiosos, em trânsito para o refeitório, faziam as abluções. Este espaço, típico das construções franciscanas, foi assim batizado por aí a comunidade se juntar antes das refeições e, meditando na condição precária da vida humana, rezar, em atitude solene, o salmo que abria com a expressão *De profundis clamavi*, a que se seguia uma prece pela salvação das almas dos que ali tinham vivido antes.

Sabemos, através das referências que lhes são feitas nos livros de receitas e despesas sobreviventes no Arquivo Distrital de Braga, que o convento possuía outros espaços que a estes poderiam estar associados. É o caso da casa do forno, da adega, da tulha e da casa do alambique, áreas de fabrico e de armazenamento de bens essenciais à vida dos frades. Porém, não estamos em condições de afirmar se alguns destes espaços, que até poderiam ser de reduzida dimensão, estavam anexados aos anteriormente referidos ou, pelo menos, alinhados na zona envolvente ao claustro, ou até, o que parece mais provável, em pequenos edi-

[111] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 122.

fícios construídos numa solução de descontinuidade face ao corpo principal do convento.

Pelas referências da Crónica é possível perceber que a cozinha e o deprofundis ficavam mais próximas da ala da capela do capítulo, ao passo que o refeitório, necessariamente mais comprido, se seguia aos anteriores estendendo-se até próximo da ala poente. Depreende-se facilmente que os três espaços eram contíguos, mas o cronista não dá informações que permitam gizar um retrato mais aproximado quer no que toca à sua interligação e circulação interna, quer no que respeita ao mobiliário que os equipava.

Na parede sul do claustro existia uma entrada para o deprofundis, junto do já mencionado jazigo embutido de Frei Carlos e não muito distante de um nicho de pedra embutido, mandado executar em 1671 para entronizar uma imagem igualmente de pedra representando a Imaculada Conceição. Havia uma porta na parede do fundo que saía para o terreiro, confrontando com as hortas, bem como um lavabo por cima do qual se abria uma janela. No fim do deprofundis havia uma escada que subia para o dormitório, no cimo da qual ficava um oratório com a imagem de Nossa Senhora da Soledade. Frei Pedro não alude ao oratório e à imagem da Virgem dolorosa, mas ambos aparecem enumerados no inventário de 1834: “*Item ha no cimo das escadas de profundis um oratorio grande de pau guarnecido de talha*

antiga, e esta pintada e dourada e aquele oratório tem vidraça já quebrada, e he pintado por dentro de azul com ramos vermelhos, e nelle se acha a imagem Nossa Senhora das Dores, em vulto ordinario com hua espada piquena e resplendor de prata.”^[12]

Daqui avistava-se também a enfermaria. No convento da Senhora da Conceição, em Melgaço, também na ala oposta à igreja, subsiste ainda a escadaria, com uma certa imponência até, que subia do deprofundis para o piso superior. Ao terminar a escadaria, no sentido ascendente, mesmo em frente, nota-se também um nicho embutido na parede. O deprofundis do convento de Melgaço está, no entanto, alinhado paralelamente em relação à galeria claustral e também em relação à cozinha e ao refeitório, o que parece não ter sucedido com o do convento de Ponte de Lima.

Do refeitório sabemos que era embelezado, como era apanágio, por uma tela representando a Última Ceia, que presentemente se encontra exposta na parede da nave da igreja conventual. O cronista não alude à sua existência, mas o inventário de 1834 menciona claramente, no refeitório, um quadro grande representando a Ceia. Seguindo uma estratégia de conferir uma maior nobreza a esse espaço, recebeu revestimento azulejar nos inícios do século XIX, segundo nos informam os Livros de Receita e Despesa.^[13]

Não dispomos para já de informação clara sobre os espaços que

[12] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p.121. A descrição do inventariante, ao referir apenas uma espada pequena, permite perceber estarmos na presença de um exemplar de Nossa Senhora da Soledade e não de Nossa Senhora das Dores.

[13] Arquivo Distrital de Braga, Fundo Monástico Conventual, Convento de Santo António de Ponte de Lima, Livro das Contas. Recibo e Despesa, 1781-1825, fl. 302.

[14] JOSÉ, 1760, Capítulo XIII, Parágrafo 137. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 176.

ocupavam a ala poente do piso térreo e que do refeitório avançavam até à área da portaria do convento. Em frente à porta desta, que constituía o acesso ao convento a partir do exterior, surge ainda hoje um nicho embutido na parede, com um lambril de azulejos hispano-mouriscos ao fundo e nas ilhargas, que ajudam a enquadrar as imagens de Cristo Crucificado e de São Francisco de Assis, que em tudo parecem evocar o milagroso episódio da estigmatização do Poverello.

Sabemos através do cronista Frei Pedro^[14] que Paulo Pereira de Mesquita, o instituidor da capela na via-sacra, obteve autorização para edificar, deduz-se que durante a sua viuvez (1678-1705), umas pequenas casas junto ao convento, na parte em frente ao dormitório que ia para o coro, convertidas após a sua morte em hospedaria. Corresponde, em princípio, este espaço ao pequeno edifício que ainda se preserva junto ao adro, em frente ao templo dos irmãos da Ordem Terceira de São Francisco.

Pelo menos duas escadarias permitiam o acesso do piso térreo ao piso superior do convento, que formava a área de descanso dos frades. A que subia a partir do deprofundis, já mencionada, e a que havia junto à via-sacra. Quem ultrapassava os degraus desta última deparava à sua esquerda com a galeria oriental do piso superior do claustro, com entrada para a enfermaria. Dos espaços habitualmente destinados ao tratamento dos enfermos é o único mencionado pelo cronista,

ainda que talvez incluísse, pelo menos, divisórias próprias para a cela do enfermeiro e para a botica, espaço de apoio à enfermaria onde se encontravam guardados, geralmente em vasos e potes cerâmicos dispostos em armários, os preparados, remédios e unguentos feitos à base de pós, sucos de raízes e flores, ervas medicinais e frutos, que eram triturados no almofariz segundo os conhecimentos empíricos do enfermeiro. Estes dois anexos são ainda hoje perceptíveis no convento franciscano de Melgaço. O cenóbio raiano apresenta na enfermaria, encostados à parede do claustro, dois cubículos onde os frades enfermos tinham os seus leitos de repouso e recebiam tratamento, emoldurados por umbrais verdes decorados com lambrequins a sugerir o dourado na parte superior. No lado oposto é possível observar, embutidos na parede, um armário disposto em dois níveis e um pequeno nicho, com o fundo ainda forrado. Todas as divisórias da antiga enfermaria possuem janelas face ao exterior.

O desenho da enfermaria do convento de Santo António de Ponte de Lima não andaria muito longe disto. As informações são escassas, como de um modo geral o são para todas as áreas claustrais. O cronista apenas se pronuncia sobre a existência de uma varanda mandada fazer em 1656, “*que toma todo o comprimento da dita enfermaria*”^[15], voltada para o jardim dos noviços.

Constituiria, sem dúvida, sobretudo nos dias mais solarengos,

uma poderosa atração e refrigério para os frades de saúde mais delicada. A enfermaria era também dotada de uma capela, com oratório que exibia ao centro a figura da Senhora das Dores, que servia certamente de grande consolação às almas devotas dos frades doentes. O cronista não faz menção dela, mas aparece no inventário de 1834: “*Item tem este Altar hum retabulo piqueno e antigo, pintado e dourado, no centro do mesmo se acha hum oratorio sem vidraça, está dentro a Imagem de Nossa Senhora das Dores em vulto ordinário com seu resplandor de folha, pintada e dourada.*”^[16]

O dormitório estendia-se através das outras duas alas conventuais no piso superior, fechando o espaço habitado pela comunidade até ao coro-alto, o que facilitava um acesso rápido dos religiosos ao Ofício Divino. Era, devido à sua divisão em várias células, o espaço de maior privacidade para os frades. Longe iam os tempos em que, seguindo um ditame introduzido por São Bento, o introdutor do monaquismo no Ocidente cristão, os dormitórios eram amplos salões sem divisórias para as celas individuais. De um modo geral, as celas eram espaços exíguos que continham apenas o necessário para o repouso, num cenário de total despojamento, possivelmente com um simples catre encostado a uma das paredes, colchão de palha, travesseiro e uma manta.

No convento de Santo António dos Capuchos, o dormitório foi das áreas que sofreu maior volume de

[16] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 121.

[15] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 221. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 84-85.

intervenções, originadas certamente pelo aumento do número de frades mas também pela situação de ruína que por vezes se ia instalando nestes espaços do piso superior, construídos com materiais não tão consistentes, como se pode comprovar ainda hoje no convento de Melgaço, em que o tabique divide as celas e os corredores de circulação. As obras de 1590-1593, as mais recuadas de que há referência, incluíram a fábrica de dois lanços do dormitório. Os anos de 1704-1705, também com mexidas no piso térreo da mesma ala do convento, ditaram novas obras, com a construção “a fundamentis” de um novo lanço composto por cinco celas. Estas reformas dizem respeito ao dormitório principal, o que ocupava a ala sul do convento, oposta à igreja, dormitório a que podíamos chamar da horta, por se voltar para esse espaço da cerca. Frei Pedro refere que quando o seu espaço foi aumentado, nos inícios de Setecentos, o Guardião Fr. João da Visitação “*também mandou fazer no meio do dito dormitório huma janella grande regular, que bem manifesta a necessidade desta obra na luz, e allegria, que comunica ao mesmo dormitório.*”^[17] Na extremidade desta ala ficava uma espécie de terraço ou mirante, de onde os frades podiam deleitar a vista sobre as curvas do rio e paisagem envolvente, num conforto visual que só era ultrapassado pela visão mais panorâmica e abrangente que se podia gozar do alto da cerca. Na ala poente, virada ao rio, estava implantado o

[17] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 221. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 85.

[18] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIII, Parágrafo 212. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 79.

[19] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 121.

[20] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 121. Seria esta a escultura que se encontrava desde o século XVII no retábulo da capela-mor e que foi apeada por volta de 1819-20, quando o retábulo maneirista foi substituído pelo neoclássico? A capela com o painel da Sagrada Família estaria no piso superior do claustro, e talvez por isso mesmo fosse chamada de capela da Varanda, uma vez que o piso superior do claustro

dormitório do coro, que assim podemos nomear dada a sua proximidade com o coro-alto da igreja. Esta ala havia funcionado como noviciaria até 1639, altura em que a torre, campanário do sino e cela do sacristão, que antes se encontravam num plano recuado, ladeando a cabeceira do templo, foram erguidas próximas da portaria do convento, numa espécie de troca com a casa dos noviços.^[18] Não é possível, em todo o espaço do dormitório, dada a míngua de dados, formar um desenho com o alinhamento das celas e dos corredores. Quem desejar uma visão aproximada pode rumar até junto do rio Minho, em demanda do convento franciscano de Melgaço. O dormitório ocupava também as alas sul e poente do edifício, como acontecia em Ponte de Lima. A despeito do estado arruinado em que se encontra, vislumbra-se com toda a nitidez a disposição das celas e dos corredores de circulação interna, bem como as janelas que possibilitavam a sua iluminação durante o dia, sendo possível inclusive apreciar as divisórias em tabique ou taipa, o pavimento em soalho e cobertura com forro de madeira. Aí está todo o esqueleto do dormitório. Só faltam mesmo o mobiliário despojado que o equipava e os antigos habitantes que o animavam. O inventário de 1834 aponta duas capelas existentes no espaço claustro a que a Crónica redigida por Frei Pedro não faz referência. Uma delas era a capela da Varanda ou capela da Sagrada Família, por

conter um “*retabulo antigo, pintado e dourado, e no centro deste se acha hum painel representando Jesus, Maria e Joze*”.^[19]

A outra era a capela de São Boaventura, “*que tinha um retabulo munto antigo, pintado e dourado, e tem no centro do mesmo hum oratorio sem vidraça, e dentro delle se acha a imagem de São Boaventura, de pau munto velha*”^[20].

A noviciaria do convento de Santo António, casa que sobreviveu à demolição do cenóbio e constitui hoje edifício de habitação particular, era o palco de preparação para todos aqueles que pretendiam abraçar a vida religiosa. Aí viviam durante um ano sob a orientação e educação do Mestre, que lhes ministrava o ensinamento da Regra, a conduta que teria de pautar a atuação do futuro frade, a doutrina e moral cristãs, os artigos de fé e os sacramentos, as devoções que reivindicavam maior apego, no fundo como teria de ser vivido o quotidiano em clausura de modo a respeitar os votos de pobreza, obediência e castidade, que em breve teriam que jurar. Aqueles que pretendiam entrar na Religião Franciscana tinham que apresentar o espírito mortificado, afastar-se dos vícios e maus costumes, negar honrarias e riquezas mundanas, renunciar ao mundo e muitas vezes à própria vontade. Os religiosos deviam estampar em si a imagem das virtudes de Cristo.

A noviciaria estabeleceu-se desde 1651 junto à cabeceira da igreja, formando como que um corpo autónomo, excêntrico em relação ao

funcionava todo ele como uma espécie de varanda interior deitada para o jardim claustral. Uma outra razão para crer que se encontrava no piso superior tem a ver com a própria organização do inventário. A referência às capelas da parte conventual, apesar de tal não ser expressamente declarado, segue um itinerário subentendido, que começa com o piso de cima, entrando aqui a capela da varanda. Já a capela de São Boaventura, seguindo a mesma linha de raciocínio, estaria no andar térreo, pois só surge depois do inventariante ter descido a escadaria do *deprofundis* e apontado a capela do Capítulo. Todavia, não é possível dizer a localização aproximada de uma ou outra capela, indicar a ala claustral em que cada uma se encontrava.

[19] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIII, Parágrafo 212. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 79.

[20] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIII, Parágrafo 212. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 79.

[21] Arquivo Distrital de Braga, Fundo Monástico Conventual, Convento de Santo António de Ponte de Lima, Livro das Contas. Recibo e Despesa, 1781-1825, fl. 121.

edifício que gravitava em torno do claustro, como convinha a quem passava o dia em quase total isolamento, excluído de quase todas as práticas que ocupavam os outros religiosos. “*A eleição do dito sitio para noviciado foi muito acertada, e feita com prudente discurso pelo retiro, em que fica do Convento, pois estando nelle incorporado, parece estar delle muito distante, e como solitário.*”^[21]

À entrada para a noviciaria existia um retábulo com uma imagem de Cristo Crucificado ao centro, ladeada por duas outras representando o patriarca São Francisco de Assis e Santa Ana com a pequena Maria nos braços.^[22] Do lado da epístola do altar ficava a porta para a cela do Mestre e do lado do evangelho a que abria para o noviciado propriamente dito, que formava uma casa “*sufficientemente larga e espaçosa*”, disposta em diversos cubículos de ambos os lados, separados por um corredor. Por cima da porta da entrada para o noviciado estava gravada uma citação de São Bernardo (*Ad quid venisti?*), que servia de incitamento à vida religiosa, mais necessária ainda para quem, como os noviços, compareciam nesta casa quase sempre na verdura dos seus anos.

A estrutura retabular que Frei Pedro conheceu à entrada da noviciaria seria substituída algumas décadas depois por uma outra, entretanto também desaparecida. Os livros das receitas e despesas referem o douramento e a pintura de um retábulo novo em 1788,^[23]

que poderia ser em estilo rocaille ou neoclássico, e o inventário de 1834 menciona outras imagens no retábulo, com uma imagem da Virgem ao centro, ladeada por Santa Ana e São Joaquim.^[24]

Em frente à noviciaria, para o lado da cerca, espalhava-se, desde 1704, o jardim dos noviços, frequentado por estes e pelo Mestre, que se encarregavam de o cultivar e fazer crescer, servindo-lhes de “*santo entretenimento este trabalho, como encaminhando a desterrar a ociosidade inimiga da alma, e a criar vistosas, e odoríferas boninas para se dedicarem ao obsequio do Divino culto.*”^[25]

Certamente que aí o Mestre não perderia a oportunidade para instruir os seus noviços sobre a simbologia e significação de algumas das árvores e flores que preenchiam o jardim, muitas delas mencionadas na Bíblia e a que desde sempre monges e frades aprenderam a associar a ideias, virtudes e defeitos, traduzindo isso mesmo na Tratadística.

A Cerca

Grosso modo, as cercas contam-se entre os espaços mais desvirtuados no conjunto das edificações conventuais e monásticas. Quase todas foram imediatamente alienadas pelo Estado a particulares, que ao longo do tempo se foram encarregando de promover alterações à paisagem e aos seus contornos. Tal sucedeu nos meios eminentemente rurais, de menor

[24] Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 121. Estas referidas esculturas representando os pais de Nossa Senhora podem corresponder às que presentemente se encontram nas coleções do Museu dos Terceiros. Ver DANTAS, José Velho – *Catálogo do Museu dos Terceiros*, Ponte de Lima, 2008, pp.200-201.

[25] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 221. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 85.

densidade populacional, onde as áreas envolventes das casas que pertenciam às Congregações Religiosas tomaram novos usos. Mas foi especialmente nas vilas e cidades, onde a pressão humana se mostrava mais ameaçadora, que a derrocada dos muros e o paulatino desaparecimento do espaço das cercas atingiu uma escala sem precedentes, tudo sacrificado à necessidade de alargar a malha urbana para novas construções.

A cerca do convento era todo aquele terreno que ficava nas imediações da área construída e se estendia até aos muros que o delimitavam e marcavam o isolamento face ao mundo exterior. Constituía o espaço que mais aproximava o frade da natureza, manifestação visível do poder do Criador invisível. Uma paisagem bucólica que espelhava o amor da Divindade pelas criaturas. Nos conventos franciscanos, como seria fácil seguir os ensinamentos legados pelo patriarca fundador, aquele Poverello de Assis que escreveu o Cântico ao Irmão Sol! Ou então, entre os arvoredos, dirigir-se como São Francisco aos pássaros e às aves, e, junto aos tanques e aos lagos, pregar como Santo António aos peixes!

Os bosques, as hortas, os pomares, os vinhedos, os jardins, e os fontanários, todos estes elementos alinhados e distribuídos seguindo uma sabedoria milenar, compunham uma ode à Mãe Natureza. Disseminadas pelo terreno, geralmente em lugares mais salientes e acidentados, encontravam-se di-

versas capelas e pequenos oratórios, por vezes nichos somente, a que os religiosos acorriam, por caminhos e trilhos mais reservados, em busca de uma devoção mais particular, aproveitando essas pausas para momentos de meditação e contemplação. Se a entrada no convento equivalia a uma fuga ao mundo, estas peregrinações dentro dos muros conventuais para junto destas ermidas correspondiam a retiros temporários ditados pela necessidade de um maior isolamento face à comunidade. Era aqui que o frade mais se aproximava do eremita.

Mas a cerca não era apenas um espaço de recolhimento e de deleite para os religiosos. Constituía igualmente uma área de labor. Nos intervalos das Horas Canónicas, muitos dos frades dedicavam parte substancial do seu tempo a jardinar e a tratar das árvores de fruto, recolher lenha, certamente ajudados pelos irmãos conversos e por moços serviçais. A cerca fornecia à comunidade quase tudo o que ela necessitava. Os bosques davam algumas madeiras proveitosas para a construção e para o aquecimento, sem esquecer as castanhas também usadas na alimentação. Das hortas extraíam os legumes e outros alimentos que formavam a dieta de um frade, dos pomares arrancavam os frutos, dos jardins extraíam flores, ervas, raízes e caules para fins medicinais, já para não falar dos complexos sistemas hidráulicos ligados a nascentes de águas, poços e fontes, que conduziam este líqui-

“

Mas a cerca não era apenas um espaço de recolhimento e de deleite para os religiosos. Constituía igualmente uma área de labor.

”

do tão precioso para as oficinas e também para a cozinha, refeitório e claustro, garantindo o funcionamento de todas estas áreas.

É impossível de momento reconstituir o traçado exato do muro da cerca do convento de Ponte de Lima. Talvez no futuro surjam à luz do dia novos documentos ou até mesmo desenhos ou outro tipo de ilustrações que nos permitam sustentar com segurança a área ocupada pela cerca. Ainda assim, algo pode ser dito em jeito de aproximação. O muro sairia contíguo às casas que Paulo Pereira Mesquita mandou edificar junto ao terreiro, em frente à igreja da Ordem Terceira, em direção ao rio, até onde presentemente se encontra o nicho de Santo António, infletindo depois numa linha paralela ao Lima quase até junto à capela de Nossa Senhora da Guia. A partir daqui o muro começava a subir, afastando-se do rio, pois seguramente não ultrapassava o chão onde se implantou a capela na primeira metade do século XVII, próximo do lugar onde existira uma ermida consagrada a São Vicente. A *Vista Septentrional de Ponte de Lima*, uma das três gravuras desenhadas por Tomás da Silva Campos por volta de 1780 para ilustrar a obra *Os Estrangeiros no Lima*, de Manuel Gomes de Lima Bezerra,^[26] mostra o que parece ser uma parte do muro da cerca (ou cais) desde o terreiro do convento até próximo do templo da Senhora da Guia. Mas também é notória uma outra linha perpendicular de muro, que

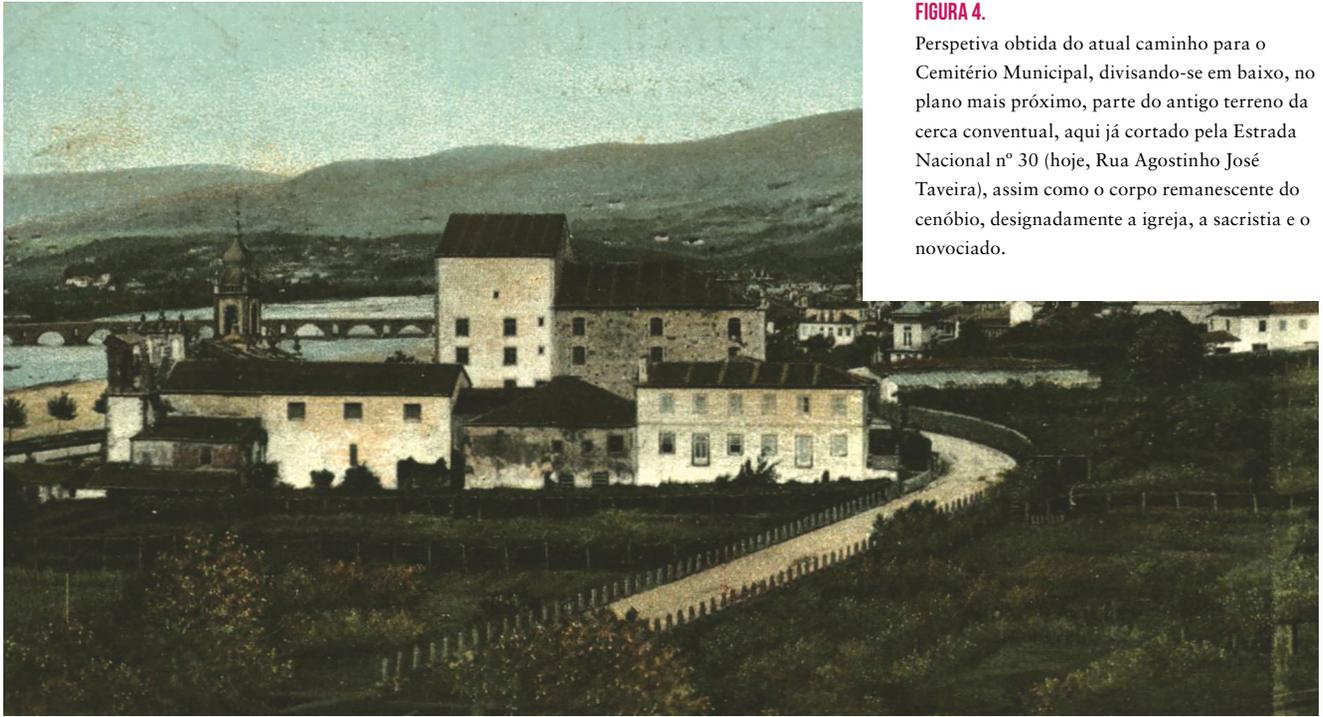


FIGURA 4.

Perspetiva obtida do atual caminho para o Cemitério Municipal, divisando-se em baixo, no plano mais próximo, parte do antigo terreno da cerca conventual, aqui já cortado pela Estrada Nacional nº 30 (hoje, Rua Agostinho José Taveira), assim como o corpo remanescente do cenóbio, designadamente a igreja, a sacristia e o noviciado.

arranca para cima, sensivelmente a meio daquela, um pouco distante ainda da capela da Senhora da Guia e da casa da Baldrufa de António de Melo, sinalizadas com os números 25 e 26. Seria a cerca tão limitada a sul do edifício conventual ou abriria até um ponto mais próximo da capela da Guia e da casa da Baldrufa, tratando-se, nesta última alternativa, de uma imprecisão de representação, tão habitual neste tipo de desenhos? Um mapa de Ponte de Lima^[27] já dos anos vinte do século XX assinala um “caminho da cerca”, a subir, desde a zona onde atualmente está implantada a Rotunda da Senhora da Guia, numa linha que em parte quase corresponde à estrada que conduz à Feitosa. Po-

[26] Ver ABREU, João Gomes d' – *Figuras Limianas*, Ponte de Lima, 2008, pp. 130-133.

[27] Trata-se de um documento cartográfico conservado no Arquivo Municipal de Ponte de Lima. Reproduzido em *Ponte de Lima. Uma Vila Histórica do Minho* (Coord. ALMEIDA, Carlos Brochado), Ponte de Lima, 2007, p. 225.

[28] O Mapa do Mosteiro de Santa Maria de Refoios, traçado em 1770 quando os religiosos foram transferidos para Mafra, encontra-se inserto no código 71, guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Inventário dos Bens do Mosteiro de Refoios de Lima, fl. 277. Ver REIS, António Matos – *Património Artístico, in Subsídios para a História do Convento de Refoios*, Instituto Politécnico de Viana do Castelo/Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, Ponte de Lima, 1988, p. 41.

derá tratar-se de uma sobrevivência toponímica do antigo muro da cerca conventual? Seja como for, mais a montante ou mais a jusante do rio Lima, o muro subia até à zona do alto da cerca, onde presentemente está instalado o cemitério e começava a rodar e a descer até à Vacaria, onde existia uma fonte pública do mesmo nome, incorporada nos inícios do século XVII no terreno dos frades. Esta fonte, depois conhecida pelos religiosos como fonte de São Bernardino, corresponde quase certamente à que em 2009 ressurgiu à luz do dia no quintal particular situado acima da rua Agostinho José Taveira, libertada da vegetação que a escondia, ainda com o nicho no corpo su-



FIGURA 5.

Fonte da Vacaria, no terreno acima da Rua Agostinho José Taveira, que integrava a antiga cerca, chamada também pelos frades capuchos de Fonte de São Bernardino, por conter no nicho uma imagem desse santo franciscano, hoje desaparecido.

perior, que em tempos abrigou a imagem do santo.

Se a referida fonte não foi deslocada de lugar, temos, nas proximidades da sua atual implantação, a linha seguida pelo muro da cerca. Daí continuava a descer até próximo da igreja dos Terceiros e do Pomar do Visconde, fechando a volta.

Estabelecer um desenho com a disposição dos vários tipos de terreno no interior da cerca é tarefa impossível. Infelizmente, que seja do nosso conhecimento, não chegou até nós qualquer documento gráfico que pudesse elucidar-nos sobre este assunto. Uma planta do convento, ou algo semelhante ao Mapa do Mosteiro de Santa Maria de Refóios, onde é possível perceber a distribuição dos vários espaços sítos no interior da cerca, a sua compartimentação e funcionalidade.^[28]

A despeito do que acabamos de dizer, seguindo a descrição lavrada por Frei Pedro, e combinando-a com a ideia geral de uma cerca franciscana, podemos no entanto dizer o que continha e traçar um quadro geral. “*He bem povoada de vários arbustos, e muitas arvores, e nos baixos são de extraordinária grandeza, o que tudo compõe hum viçoso, e aprazível bosque. Tem estancias separadas para hortas, e pomares, que produzem abundantemente toda a casta de frutas, e na de espinho he admirável a sua fecundidade. Não he menor a de todo o género de hortaliças, com que se provê abundantemente o convento, e*

se socorre aos de fora, que dellas necessitão. Concorre muito para isso a abundancia de aguas, que tem, não sendo o anno de grande seca, em que he ordinariamente geral a esterelidade.^[29]

Sabendo que as hortas ficavam junto a um terreiro, ao qual se tinha acesso através da porta do deprofundis, e que o dormitório principal, na ala oposta à igreja, estava virado exteriormente para as hortas, concluímos que as hortas se estendiam a sul do claustro, muito próximo deste. Aí foi aberto, com êxito, um poço em 1654, necessário pela extrema seca que então assolou a região e que impedia o acesso da água das duas fontes da cerca para os terrenos de rega e para as oficinas do convento, tendo que se recorrer a pipas que a trouxeram do exterior do convento.^[30]

Os pomares, ainda que delimitados em relação às hortas, ficavam contíguos. Ambos integravam a área de campo, a zona cultivada, que parecia não ocupar porção significativa da cerca. Laranjeiras, limoeiros, macieiras, cerejeiras, entre outras árvores de fruto, preenchiam esse espaço. As árvores, arbustos e outra vegetação ocupariam a porção de terreno mais afastado do edifício conventual, estendendo-se até à parte do muro próximo da Senhora da Guia. Frei Pedro fala em árvores de grande porte que se estendiam nas zonas mais baixas da cerca, certamente imponentes folhosas como castanheiros, carvalhos e sobreiros, semelhantes aos que

[29] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 222. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 85.

[30] JOSÉ, 1760, Capítulo XIX, Parágrafo 187. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 205.

[31] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 223. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 86.

[32] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 224. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 86. A escultura de Cristo Morto aqui mencionada (Ver DANTAS, José Velho – *Catálogo do Museu dos Terceiros*, Ponte de Lima, 2008, pp.122-123) é a que se encontra exposta numa sepultura da igreja conventual, aí encontrada num estado muito fragmentado em 2004, juntamente com uma imagem de meio corpo da Senhora da Agonia e uma cabeça de anjo, quando foram levantados os taburnos para desinfestação. O Inventário de 1834

enumera a imagem do Senhor Morto e mais nove em “barro quebrado”, mais do que as apontadas pelo cronista, talvez incluindo as imagens de José de Arimateia e Nicodemos, a não ser que a maioria das figuras representadas fossem anjos.

[33] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 224. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 86.

[34] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 122.

se encontravam também junto ao terreiro, ficando subentendido que o bosque se prolongava naturalmente pelas cotas mais altas da cerca, toda aquela área que ficou acima da atual rua Agostinho José Taveira, incluindo o terreno onde mais tarde se edificou o cemitério municipal.

O terreiro que ficava junto à porta do deprofundis e que acedia às hortas, para a parte da cerca entre o complexo conventual e a capela de Nossa Senhora da Guia, comunicava também, através de vários caminhos, com uma área da cerca que levava até ao seu ponto mais alto, passando por diversas ermidas. Situava-se neste terreiro um jardim com árvores espinhosas, ao qual se seguia uma rua larga na qual estava implantada uma fonte. “*Está fabricada com curiosa, e devota arquitectura, e no meo em cima da arca, que he ao modo de abobada, tem arvorada huma grande cruz de pedra*”.^[31] Em frente a este fontanário erguia-se a pequena capela da Estigmatização de São Francisco ou do Recebimento das Chagas, nome por que também era conhecida a fonte.

O mesmo terreiro dava igualmente acesso a uma outra fonte, chamada da Vacaria, já aqui mencionada, também nomeada de São Bernardino, por estar junta a um nicho com a imagem daquele santo e glória da família seráfica, e também à principal rua da cerca, alinhada com parreiras suportadas em esteios de pedra. No termo desta rua, e à vista da fonte de São Bernardino, situava-se uma ermi-



da em que se venerava a Senhora da Agonia e se representava uma Lamentação de Cristo Morto: “...E o *sepulchro do nosso Redemptor, em que alli está collocado morto, cuja Imagem he de estatura ordinária, e de perfeita escultura, e na mesma forma são as da Mãe dolorosa, da Magdalena, S. João, e dos Anjos, as quaes rodeão o sepulchro, mostrando o sentimento, que pede tão doloroso Passo.*”^[32]

Da capela do Senhor Morto ou da Senhora da Agonia divergiam várias ruas para diversas partes do alto da cerca, onde se situava a capela de Nossa Senhora da Graça. Numa dessas ruas, num ponto mais elevado que a capela de Cris-

FIGURA 6.

Imagens de Cristo Morto e da Senhora da Graça, peças que ocupavam lugares de destaque em diferentes capelas da cerca conventual.

A escultura de Cristo jacente, em barro, integrava um grupo escultórico representando uma Lamentação de Cristo Morto, situado na chamada Capela do Senhor Morto. Mais acima na cerca, onde hoje está implantado o Cemitério Municipal, ficava a Capela da Senhora da Graça, ou Capela da Senhora da Mata, onde se venerava esta Senhora da Graça em pedra calcária, hoje ao culto na Igreja Matriz de Ponte de Lima.



to Morto e menos elevado que a capela da Senhora da Graça encontrava-se a Capela de São João Baptista, muito visitada pelos religiosos devotos do Precursor, em que se venerava “a penitente imagem deste grande santo na forma, que vivia no deserto das montanhas de Judéa”,^[33] também referida no inventário de 1834 como uma imagem de “barro velho”.^[34] A capela de Nossa Senhora da Graça, também mencionada como capela de Nossa Senhora da Mata, situava-se no lugar mais proeminente da cerca, lá bem no alto, talvez perceptível do rio, apesar do bosque que a rodeava. Deve o nome a uma imagem da Virgem com aquela invocação, assim des-

crita por Frei Pedro: “A *Imagem desta Senhora he Formosíssima, e a faz mais admirável por ser fabricada de escultura em pedra. Tem de altura quatro para cinco palmos, e a seu amado Filho amorosamente reclinado em seus braços, o qual com a mão direita está como abençoando aos que estão adiante...*”^[36]

Prestava-se culto a esta imagem em pedra numa capela particular à entrada do convento. A dita capela, consagrada em 1520, estava situada então, segundo o cronista, em frente a uma outra capela onde hoje se ergue a igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, e foi demolida no ano de 1556, por estar associada a um caso de intervenção demoníaca, aquele que nós ainda hoje fazemos referência quando falamos na célebre Lenda da Pedra do Diabo.^[36] A escultura foi nessa altura trasladada para uma ermida no alto da cerca, onde ainda se encontrava quando o convento foi encerrado em 1834^[37].

A capela do alto da cerca já existia então pelo menos desde 1556, podendo inclusive remontar a tempo mais recuado e próximo da fundação do convento. Em 1635 foi reparada, mas desconhecemos os contornos desta intervenção. Já em meados do século XVIII sofreu reforma substancial, com a colocação de um alpendre à entrada, aproveitando as colunas do que existira junto à portaria do convento. O teto recebeu um forro novo em madeira de castanho e o retábulo que integrava a escultura da Virgem foi pintado de novo.

[35] JOSÉ, 1760, Capítulo XXII, Parágrafo 201. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 172.

[36] JOSÉ, 1760, Capítulo XI, Parágrafo 123. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1984, p. 169-170.

[37] Arquivo Nacional Torre do Tombo. Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Conventos Extintos, Convento de Santo António de Ponte de Lima, cx.2244. Avaliação e Inventário do Convento de Santo António de Ponte de Lima. Cf. FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição. Análise Histórica, Tipológica, Artística e Iconográfica*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008, Vol. II, p. 121. Pensamos ser a imagem aqui indicada uma bela escultura em pedra calcária, ainda com vestígios de policromia, que hoje se venera na cabeceira da Igreja Matriz de Ponte de Lima. Carlos

de Passos informa que depois do encerramento do cenóbio a imagem transitou para a capela de Nossa Senhora do Rosário, situada à entrada da ponte medieval e derrubada nos inícios do século XX. Possivelmente após a demolição desta capela foi levada para a igreja Matriz de Ponte de Lima, tendo o prior António Pereira Lima ordenado a sua colocação no nicho que existia no corpo superior do frontispício da igreja principal da vila. Foi daí retirada em 1932-1933, quando o nicho, janelas e varanda foram substituídos pela atual rosácea. PASSOS, Carlos de – *Uma Igreja Românica Desconhecida na Ribeira Lima*, in Separata da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 1933, p.16.

[38] JOSÉ, 1760, Capítulo XXII, Parágrafo 202. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 73.

[39] JOSÉ, 1760, Capítulo XXIV, Parágrafo 224. Cf. Arquivo de Ponte de Lima, 1985, p. 87.

Ao lado da escultura da Senhora foram delineadas “a *pincel*” as imagens de Santa Ana e São Joaquim^[38].

Frei Pedro, ao dar por concluída a descrição topográfica do convento de Santo António, deixa esta longa consideração: “*Em fim por toda esta cerca acha a piedade, e devoção repetidos estímulos de levantar o pensamento ao Ceo, ajudando muito a isto a variedade de arbustos, a formosura das muitas, e antigas arvores, de que he povoada, de que tudo se forma hum delicioso, e vistoso prado. A este faz mais devoto a sua grande solidão, pois não se descobre delle povoado algum, e só do mais alto da cerca se manifestão ao longe alguns lugares, pouca parte da Villa, e as alegres, e crystallinas correntes do rio Lima, cuja vista ao mesmo tempo, que serve de divertimento, e desafogo ao espirito, concilia nas almas fervorosas celestiaes, e pias considerações, com que se elevão suavemente na formosura das obras do Altissimo*”.^[39]

O mesmo pensou o poeta Teófilo Carneiro sobre a beleza do lugar e do que daí se podia avistar. Sabemo-lo através de António Ferreira. Na sua Carta ao Dr. Teófilo Carneiro, que costuma ser incluída nas *Limianas*, um testemunho pungente e extraordinário feito rememoração sobre o seu amigo desaparecido e sobre as experiências que ambos tinham partilhado em vida ao observar a paisagem limiana, António Ferreira recorda certo dia em que, saindo do cemi-

tério municipal (do mais alto da cerca, diriam os frades) após uma cerimónia fúnebre, Teófilo lhe afirmara ser aquele o cemitério mais lindo de Portugal. Isto disse, *“olhando o rio que seguia no fundo do vale a sua caminhada milenária para o mar.”*

Era também esta a visão privilegiada de que podiam desfrutar todos os religiosos franciscanos que habitaram o convento de Santo António dos Capuchos de Ponte de Lima. Que parte da sua cerca tenha sido transformada num cemitério, lá no alto, é, entre outras coisas, uma daquelas ironias do destino carregadas de simbologia.

“

Que parte da sua cerca tenha sido transformada num cemitério, lá no alto, é, entre outras coisas, uma daquelas ironias do destino carregadas de simbologia.

”

QUADRO 1.

Relação do acervo de arte religiosa existente no complexo claustral e na cerca do Convento de Santo António de Ponte de Lima, mencionado na Crónica da Imaculada Conceição

*1 - O material da escultura de São Francisco é mencionado apenas no Inventário de 1834.

*2 - O grupo escultórico da Lamentação de Cristo Morto incluía, além da figura central, nove outras figuras. No Museu dos Terceiros estão o Cristo Morto, a Senhora da Agonia, uma cabeça de anjo e restos de uma imagem em terracota que parece representar São João Evangelista. As outras são de paradeiro desconhecido.

ESPÓLIO	LOCALIZAÇÃO	ATUAL PARADEIRO
Sepulcro de Fr. Pedro Carnoto e Frei Salvador	Claustro, piso térreo; à entrada da ante-sacristia	Museu dos Terceiros; à entrada do antigo convento, em frente aos confessionários
Sepulcro de Frei Carlos	Claustro, piso térreo; embutido na parede do deprofundis	Desconhecido
Retábulo com quadro representando uma cena de Calvário	Claustro. Piso térreo. Sala ou Capela do Capítulo	Desconhecido
Imagem da Imaculada Conceição (escultura em pedra)	Claustro, piso térreo; num nicho embutido na parede	Desconhecido
Retábulo	Noviciado, à entrada	Desconhecido
Imagem de Cristo Crucificado (escultura)	Noviciado, no retábulo	Desconhecido
Imagem de São Francisco de Assis (escultura)	Noviciado, no retábulo	Desconhecido
Imagem de Santa Ana e Nossa Senhora (escultura)	Noviciado, no retábulo	Desconhecido
Imagem de São Francisco (escultura em pedra)* ¹	Cerca, num nicho em pedra junto à Fonte do Recebimento das Chagas	Desconhecido
Imagem de São Bernardino de Siena (escultura provavelmente em pedra)	Cerca, num nicho junto à fonte de São Bernardino ou da Vacaria	Desconhecido
Grupo escultórico representando uma Lamentação de Cristo Morto (esculturas em barro)	Cerca, Capela do Cristo Morto ou da Senhora da Agonia	Museu dos Terceiros / Desconhecido* ²
Imagem de São João Baptista (escultura em barro)	Cerca, Capela de São João Baptista	Desconhecido
Retábulo da Senhora da Graça	Cerca, Capela da Senhora da Graça	Desconhecido
Imagem da Senhora da Graça (escultura em pedra calcária)	Cerca. Capela da Senhora da Graça. Retábulo	Igreja Matriz de Ponte de Lima
Santa Ana e São Joaquim (pintura)	Cerca. Capela da Senhora da Graça. Retábulo	Desconhecido

QUADRO 2.

Relação do acervo de arte religiosa existente no complexo claustral e na cerca do Convento de Santo António de Ponte de Lima, não mencionado na Crónica da Imaculada Conceição, mas referido em outras fontes documentais.

*3 - Pode esta imagem de São Boaventura corresponder à que incorporou o retábulo maneirista que entre os séculos XVII e XIX ocupou a capela-mor da igreja conventual. Esta imagem integra atualmente as coleções do Museu dos Terceiros.

*4 - O Inventário de 1834 não refere a invocação desta imagem de Nossa Senhora.

ESPÓLIO	LOCALIZAÇÃO	ATUAL PARADEIRO
Retábulo de São Boaventura	Claustro, piso térreo	Desconhecido
Imagem São Boaventura (escultura em madeira)	Claustro, piso térreo; no retábulo	Desconhecido ^{*3}
Última Ceia (pintura)	Refeitório	Museu dos Terceiros
Retábulo da Sagrada Família	Claustro, piso superior; Capela da Sagrada Família ou Capela da Varanda	Desconhecido
Pintura representando a Sagrada Família	Claustro, piso superior; Capela da Sagrada Família ou Capela da Varanda; no retábulo	Desconhecido
Oratório da Senhora das Dores	Enfermaria, na Capela da Senhora das Dores	Desconhecido
Imagem da Senhora das Dores (escultura)	Enfermaria, na Capela da Senhora das Dores; no oratório	Desconhecido
Oratório da Senhora da Soledade (oratório de talha dourada)	Claustro, piso superior, a seguir às escadas que subiam do deprofundis	Desconhecido
Imagem da Senhora da Soledade (escultura)	Claustro, piso superior, a seguir às escadas que subiam do deprofundis; no oratório	Desconhecido
Retábulo de talha dourada	Noviciaria, Capela do noviciado	Desconhecido
Imagem de Nossa Senhora (escultura) ^{*4}	Noviciaria, Capela do noviciado; no retábulo	Desconhecido
Imagem de Santa Ana (escultura)	Noviciaria, Capela do noviciado; no retábulo	Desconhecido
Imagem de São Joaquim (escultura)	Noviciaria, Capela do noviciado; no retábulo	Desconhecido